

«Nós esperamos sempre pelos aniversários. Ou só por um gelado. Tipo, [a minha filha] tem de merecê-lo. Ontem, prometemos-lhe um gelado, mas depois ela portou-se horripelmente. E eu disse: “Lamento, o gelado é só para meninas que se portam bem. E hoje não foste assim. Talvez amanhã.”»

RACHEL SHERMAN,
Uneasy Street: The Anxieties of Affluence

Parte 1

1

Naquela noite, quando a Sra. Chamberlain telefonou, Emira só conseguiu entender as palavras «levar a Briar a algum lado» e «pago-te o dobro».

Num apartamento cheio de gente e onde alguém gritava «esta é a minha música!», Emira estava ao lado das suas amigas Zara, Josefa e Shaunie. Era um sábado à noite de setembro e faltava pouco mais de uma hora para terminar a festa do vigésimo sexto aniversário de Shaunie. Emira aumentou o volume do telefone e pediu à Sra. Chamberlain que repetisse.

— Haveria alguma possibilidade de levares a Briar ao supermercado durante um tempinho? — perguntou a Sra. Chamberlain. — Desculpa por te telefonar. Eu sei que é tarde.

Era quase impensável que o serviço de *baby-sitting* de Emira feito durante o dia (envolvendo pijamas, brinquedos coloridos de empilhar, toalhas e pratinhos com divisórias) pudesse interromper-lhe a noite (música alta, vestidos colados ao corpo, lápis para lábios e copos descartáveis vermelhos). Mas ali estava a Sra. Chamberlain, às 22h51, esperando que a Emira dissesse que sim. Sob efeito de duas bebidas fortes, a interseção daqueles dois espaços parecia quase engraçada, mas o que não era engraçado era o saldo bancário atual de Emira: um total de setenta e nove dólares e dezasseis cêntimos. Depois de uma noite com pratos que custavam vinte dólares, *shots* de aniversário e presentes coletivos para a aniversariante, Emira Tucker poderia dar bom uso ao dinheiro extra.

— Só um bocadinho — respondeu Emira. Pousou o copo numa mesa de centro baixinha e enfiou o dedo do meio no outro ouvido. — Quer que eu leve a Briar agora?

Do outro lado da mesa, Shaunie apoiou a cabeça no ombro de Josefa e murmurou:

— Isso significa que eu agora sou velha? Aos vinte e seis anos, já se é considerada velha?

Josefa empurrou-a para o lado e disse:

— Shaunie, não comeces.

Ao lado de Emira, Zara ajeitou uma alça do sutiã. Fez uma cara enojada na direção de Emira e mexeu a boca sem emitir nenhum som, perguntando: *É a tua patroa?*

— O Peter, sem querer... nós tivemos um incidente com uma janela partida... só preciso de tirar a Briar de casa. — A voz da Sra. Chamberlain estava calma e estranhamente articulada, como se estivesse a dar à luz e a dizer: *Pronto, Mamã, é altura de fazer força.*

— Desculpa mesmo por te ter ligado assim tão tarde — disse ela. — Só não queria que ela visse a Polícia.

— Oh! Certo, senhora Chamberlain.

Emira sentou-se na ponta de um sofá. Duas raparigas começaram a dançar ao lado dela. A porta da frente do apartamento de Shaunie abriu-se e quatro rapazes entraram a gritar:

— *Yá!*

— Jesus — disse Zara. — Estes *blacks* estão mesmo a querer mostrar-se.

— Não me pareço muito com uma *baby-sitter* neste momento — avisou Emira ao telefone. — Estou no aniversário de uma amiga.

— Oh! Raios. Desculpa. Então, deixa...

— Não, não, não é isso — disse Emira mais alto. — Eu posso ir. Só queria avisá-la de que estou de saltos altos... e de que bebi uma bebida ou duas. Não há problema?

A bebé Catherine, a Chamberlain mais nova, com cinco meses, ouviu-se do outro lado da linha.

— Peter, podes ver o que se passa com ela? — pediu a Sra. Chamberlain, e depois, voltando à conversa: — Emira, eu não quero

saber da tua roupa. Pago-te o táxi até aqui e depois o de regresso a casa também.

Emira enfiou o telefone numa mala a tiracolo, garantindo que nela estavam todas as suas coisas. Quando se levantou e avisou as amigas de que tinha de se ir embora mais cedo, Josefa disse:

— Vais-te embora para ires fazer *baby-sitting*? Olha que merda, estás a brincar comigo?

— Malta... escutem. Ninguém precisa de me fazer *baby-sitting* — informou Shaunie ao grupo. Um dos olhos dela estava aberto e o outro estava a fazer o possível por isso.

Josefa ainda não tinha terminado de fazer perguntas:

— Que tipo de mãe te pede que faças *baby-sitting* a estas horas?

Emira não quis entrar em pormenores:

— Eu preciso do dinheiro — disse apenas. Ela sabia que era altamente improvável, mas acrescentou: — Volto para cá quando terminar.

Zara deu-lhe um toque com o braço e disse:

— Eu vou contigo.

Ah! *Que bela ajuda*, pensou Emira. Mas, em voz alta, respondeu:

— Fixe.

As duas raparigas terminaram as bebidas de um gole, enquanto Josefa estava de braços cruzados.

— Eu não acredito que vocês se vão embora da festa da Shaunie nesta altura.

Emira levantou os ombros, para os baixar outra vez rapidamente.

— Acho que até a Shaunie está a ir-se embora da sua festa nesta altura — disse ela, enquanto a aniversariante se ia arrastando pelo chão e anunciava que ia dormir uma sesta. Emira e Zara desceram as escadas. Enquanto esperavam lá fora por um Uber, num passeio mal iluminado, Emira fez as contas de cabeça: *Dezasseis vezes dois... mais o dinheiro do táxi... Raios, é espetacular.*

Catherine ainda estava a chorar no interior da casa dos Chamberlain quando Emira e Zara chegaram. Quando Emira começou a subir as escadas do alpendre, reparou num pequeno buraco irregular no vidro da frente, do qual pingava algo transparente e viscoso. No patamar da entrada, a Sra. Chamberlain estava a fazer um rabo de cavalo ao

cabelo louro e brilhante de Briar. Agradeceu a Emira, cumprimentou Zara da forma como o fazia sempre («Olá, Zara, é um prazer ver-te outra vez») e depois disse a Briar:

— Vais poder divertir-te com estas miúdas.

Briar pegou na mão de Emira.

— Era altura de ir para a cama e agora já não é — disse a pequena.

Elas desceram os degraus e, enquanto andavam os três quarteirões que as separavam do Market Depot, Briar repetia elogios aos sapatos de Zara — um evidente, mas malsucedido, plano para os experimentar.

O Market Depot vendia sopas, manteigas de trufa, batidos, num balcão que naquele momento estava fechado, e vários tipos de frutos secos a granel. A loja estava bem iluminada e vazia, e a única caixa aberta era aquela para menos de dez artigos. Ao lado da secção de frutos secos, Zara equilibrou-se nos seus saltos altos e ajeitou o vestido para baixo, para se curvar e tirar uma embalagem de iogurte coberto com passas.

— Quanto? Oito dólares? — Recolocou imediatamente o iogurte na prateleira e levantou-se. — Caramba. Este é um supermercado para pessoas ricas. *Bem*, murmurou Emira com a criança nos braços, *este é um bebé rico*.

— Eu *quer* isto. — Briar esticou os braços para as argolas cor de cobre penduradas nas orelhas de Zara. Emira aproximou-se.

— E como é que se pede?

— *Pfavor*. Eu *quer* isto, Mira, *pfavor*.

Zara ficou de boca aberta.

— Porque é que a voz dela é sempre tão rouca e fofinha?

— Chega essas tranças para lá — pediu-lhe Emira. — Não quero que ela tas arranque.

Zara atirou as longas tranças — uma dúzia das quais eram de um louro platinado — por cima do ombro e esticou um dos brincos para Briar.

— No próximo fim de semana, vou fazer *twists* com aquela miúda que o meu primo conhece. Ei, menina Briar, podes tocar-lhes.

O telefone de Zara tocou. Ela tirou-o da mala e começou a escrever, inclinando-se ao sabor dos pequenos puxões de Briar.

— A malta ainda está por lá? — perguntou Emira.

— Ah! — Zara inclinou a cabeça para trás. — A Shaunie acabou de vomitar numa planta e a Josefa está bêbada. Quanto tempo tens de ficar aqui?

— Não sei. — Emira pousou Briar outra vez no chão. — Mas esta menina pode ficar a olhar para frutos secos durante horas, por isso, enfim, não faço ideia.

— A Mira está a ganhar dinheiro, a Mira está a ganhar dinheiro...

Zara saiu em passinhos de dança até ao corredor da comida congelada. Emira e Briar foram atrás dela, enquanto ela colocava as mãos nos joelhos e se abanava ao contemplar o reflexo difuso nas portas dos frigoríficos, os rótulos das embalagens de iogurte espelhados nas coxas. O telefone dela tocou outra vez.

— Oh! Meu Deus! Eu dei o número de telefone àquele tipo na festa da Shaunie? Ele está doidinho por mim — disse ela.

— Estás a dançar — apontou Briar para Zara. Enfiou dois dedos na boca e disse: — Estás... estás a dançar e não há música.

— Queres música? — Zara começou a fazer *scroll* no telefone com o polegar. — Eu ponho música, mas tens de dançar também.

— Nada de conteúdos explícitos, por favor — disse Emira. — Eu sou despedida se ela depois repetir isso em casa.

Zara levantou três dedos na direção de Emira.

— Tenho tudo controlado. — Segundos depois, o telefone de Zara tocou desalmadamente. — Ups — disse ela, atrapalhada, baixando o volume. O som ressoou no corredor e, quando Whitney Houston começou a cantar, Zara abanou as ancas. Briar começou a dar saltinhos, agarrando os próprios cotovelos brancos e macios com as mãos, e Emira encostou-se à porta do frigorífico, as embalagens de salsichas congeladas e *waffles* brilhavam em pacotes de cartão atrás dela.

Briar Chamberlain não era uma criança tola. Os balões nunca a tinham deixado histérica e ficava mais preocupada do que espantada quando palhaços se atiravam para o chão ou incendiavam os próprios dedos. Nas festas de aniversários e nas aulas de balé, Briar era muito reservada quando a música tocava ou quando os mágicos pediam participações entusiastas, e frequentemente olhava para Emira com os olhos

azuis, que diziam: *Tenho mesmo de fazer isto? É mesmo necessário?* Portanto, quando Briar se juntou naturalmente a Zara e dançou para trás e para a frente ao ritmo de um sucesso dos anos 1980, Emira ficou ali, posicionada, como esconderijo para Briar. Quando estivesse farta, Emira queria que ela soubesse que podia parar, ainda que estivesse comovida a apreciar. Naquele momento, Emira, de vinte e cinco anos, estava a receber trinta e dois dólares por hora para dançar num supermercado com a melhor amiga e o seu pequeno ser humano favorito.

Zara pareceu tão surpreendida quanto Emira.

— Uau! — disse ela à medida que Briar começava a dançar com mais entusiasmo. — Bem, miúda, estou a ver que sim! — Emira juntou-se a elas quando Zara cantou o refrão, *feel the heat with somebody*. Ela rodou Briar e abraçou-a por trás quando uma outra pessoa entrou pelo corredor. Emira ficou aliviada por ver uma mulher de meia-idade, com cabelo curto e grisalho, usando *leggings* desportivas e uma *T-shirt* que dizia *St. Paul's Pumpkinfest 5K*. Tinha ar de quem, decididamente, já teria dançado com uma criança ou duas num qualquer momento da vida, portanto, Emira continuou. A mulher colocou uma caixa de gelado no cesto de compras e sorriu ao trio que dançava. Briar gritava:

— Danças como a mamã!

Quando começou a tocar a última parte da canção, um carrinho entrou pelo corredor, empurrado por alguém muito alto. A camisa dizia *Penn State* e os olhos eram sonolentos e carinhosos, mas Emira estava demasiado envolvida na coreografia para conseguir parar sem que dessa forma parecesse afetada por aquela presença. Fez o *dougie* e apanhou bananas do carrinho dele. Fingiu que limpava pó dos ombros, dançando, e tirou também uma embalagem de mistura de vegetais. Quando Zara pediu a Briar que fizesse uma vénia, o rapaz bateu silenciosamente quatro palmas na direção delas antes de deixar o corredor. Emira ajeitou a saia outra vez nas ancas.

— Chixa, fizeste-me suar — Zara curvou-se para a frente. — Dá cá mais cinco. Boa, miúda. Por mim, está feito.

— Já vais? — perguntou Emira.

Zara estava outra vez a olhar para o telefone, escrevendo de forma maníaca.

— Acho que alguém vai ter sorte nesta noite.

Emira passou o longo cabelo negro por cima dos ombros.

— Amiga, faz o que te apetecer, mas esse rapaz é *muito* branco.

Zara deu-lhe um empurrão.

— Emira, estamos em 2015! *Yés, we can!*

— A-hã.

— Obrigada pelo boleia no Uber, de qualquer forma. Adeusinho, mana.

Zara fez uma festa na cabeça de Briar antes de se ir embora. À medida que os saltos altos se ouviam a caminho da porta da loja, o Market Depot pareceu de repente muito branco e muito silencioso.

Briar não deu conta de que Zara se estava a ir embora até ao momento em que ela já tinha saído de vista.

— A tua amiga — disse ela, apontando para o espaço vazio. Os dois dentes da frente, em cima, estavam por cima do lábio de baixo.

— Ela tem de ir dormir — disse Emira. — Queres ir ver as castanhas?

— É a minha hora de ir dormir. — Briar segurou a mão de Emira, tentando dar um saltinho para a frente no chão reluzente. — Vamos dormir no supermercado?

— Não — respondeu Emira. — Vamos só ficar por aqui mais um bocadinho.

— Eu quero... eu quero ir cheirar o chá.

Briar estava sempre preocupada com a sequência dos acontecimentos, e Emira começou delicadamente a explicar-lhe que podia ver as castanhas primeiro e cheirar o chá depois. Porém, assim que começou a explicar, uma voz interrompeu-a:

— Desculpe, senhora.

Passos aproximavam-se e, quando Emira se virou, um crachá policial dourado e brilhante estava na cara dela. No topo, lia-se *Segurança Pública* e na curva de baixo lia-se *Filadélfia*.

Briar apontou para a cara do homem.

— Este — disse a criança — *não é* o carteiro.

Emira engoliu em seco e disse:

— Ah! Boa noite.

O homem parou à frente dela e apoiou os polegares no cinto, mas não devolveu a saudação. Emira tocou no cabelo e disse:

— Estão a fechar a loja ou isso?

Ela sabia que a loja estaria aberta por mais quarenta e cinco minutos — costumava ficar aberta, limpa e abastecida até à meia-noite aos fins de semana —, mas queria que ele ouvisse a forma como ela podia responder. Por trás das escuras patilhas do guarda, na outra ponta do corredor, Emira viu outra cara. A mulher de cabelo grisalho e aparência atlética, aquela que parecia ter-se comovido com a dança de Briar, estava de braços cruzados. Pousara o cesto de compras aos pés.

— Minha senhora — disse o guarda.

Emira olhava-lhe para a boca grande e para os olhos pequenos. Ele parecia o tipo de pessoa que tinha uma família grande, daquelas que passam os feriados juntos, do primeiro dia ao último, e não o tipo de pessoa que usa a expressão *minha senhora* assim de passagem.

— Já é muito tarde para alguém assim tão pequeno — disse ele. — Esta criança é sua?

— Não — riu-se Emira. — Sou a *baby-sitter*.

— Muito bem, então — disse ele —, com todo o respeito, não me parece que esteja a fazer de *baby-sitter* nesta noite.

Emira deu por ela a libertar o movimento dos lábios, como se tivesse engolido algo muito quente. Viu um reflexo distorcido de si própria no frigorífico, e depois viu-se completamente. A cara — lábios carnudos, nariz pequeno e a testa alta tapada por uma franja preta — mal aparecia no reflexo. A saia preta, a blusa justinha com decote em *V* e o *eyeliner* recusavam tomar forma naqueles painéis de vidro grosso. Tudo o que ela conseguia ver era algo muito negro e magrinho e o topo de uma pequena franja de cabelo louro que pertencia a Briar Chamberlain.

— *Okay* — respirou fundo. — Eu sou a *baby-sitter* da menina, e a mãe dela telefonou-me, porque...

— Boa noite. Peço imensa desculpa, eu só queria... — Do fundo do corredor, a mulher avançou, as solas gastas dos ténis chiavam nos mosaicos. Colocou uma mão no peito. — Eu sou mãe. E ouvi a menina dizer que não estava com a *sua* mãe e, como já é tão tarde, fiquei um bocadinho preocupada.

Emira olhou para a mulher e fez um meio sorriso. Embora lhe parecesse uma reação infantil, tudo aquilo em que ela conseguia pensar era: *A sério? Estás a denunciar-me?*

— Aonde — Briar apontava para um dos lados do corredor —, aonde vão dar estas portas?

— Só um momento, minha senhora — disse Emira. — Eu sou a *baby-sitter* e a mãe dela pediu-me que a trouxesse, porque tiveram uma emergência e queriam que a criança saísse de casa. Eles vivem a três quartos de distância.

Sentiu a pele apertar-se à volta do pescoço, tensa.

— Só viemos até aqui para ver as castanhas. Bem, não lhes tocámos, nem nada. Apenas... apenas, gostamos muito de castanhas, sabe... é isso.

Por um momento, as narinas do guarda expandiram-se. Ele abanou a cabeça para si mesmo, como se tivesse percebido alguma coisa, e disse:

— Há alguma possibilidade de ter estado a beber nesta noite, minha senhora?

Emira fechou a boca e deu um passo atrás. A mulher ao lado do guarda estremeceu e disse:

— Oh! Meu Deus!

Avistou a secção de carnes. Lá, o cliente *Penn State* de momentos antes estava de pé, parado, atento à conversa. De repente, além daquelas acusações sub-reptícias, toda aquela interação parecia completamente humilhante, como se alguém lhe tivesse dito aos gritos que o nome dela não estava na lista dos convidados.

— Está bem — disse ela. — Nós vamo-nos embora.

— Não, não, espere um minuto. — O guarda levantou uma mão. — Não posso deixá-la ir-se embora, porque há uma criança envolvida.

— Mas ela neste momento é *a minha* criança. — Emira riu-se outra vez. — Eu sou a sua *baby-sitter*. Praticamente, sou a sua ama...

Aquilo era mentira, mas Emira queria dar a entender que na sua contratação tinham sido cumpridas formalidades e que estava ligada à criança em questão.

— Olá, meu amor — disse a mulher, inclinando-se e apoiando as mãos nos joelhos. — Sabes onde está a tua mamã?

— A mamã dela está *em casa*.

Emira bateu por duas vezes com a mão na clavícula e disse:

— Pode falar *comigo*.

— Então, está a dizer — quis clarificar o guarda — que uma mulher, a três quarteirões de distância, lhe pediu que tomasse conta de uma criança a estas horas da noite?

— Oh! Meu Deus! Não foi isso que eu disse. Eu sou a *baby-sitter* dela.

— Estava aqui uma outra rapariga há uns minutos — disse a mulher ao guarda. — Acho que ela já se foi embora.

Emira estava chocada, espantada. Pelo que parecia, toda a sua existência parecia anulada. Emira sentiu vontade de levantar um braço, como se para chamar um amigo qualquer que tivesse avistado numa multidão, com o telefone ao ouvido, como que dizendo: *Estás a ver-me?* *Estou a abanar a mão*. A mulher abanou a cabeça.

— Elas estavam a fazer uma espécie de... nem sequer sei o que era... uma *booty dance* ou lá o que era? E eu pensei, hum, isto não me parece certo.

— Hum — disse Emira, com a voz muito aguda. — Está mesmo a falar a sério?

Briar espreitou para a perna dela.

O homem da *Penn State* aproximou-se. Tinha o telefone levantado e estava a gravar, à altura do peito.

— Oh! Meu Deus! — Emira tapou a cara com a mão, as unhas pintadas de preto, com a tinta já descascada, como se tivesse entrado acidentalmente numa foto de grupo. — Pode sair daqui?

— Eu acho que vai querer isto filmado — disse ele. — Quer que chame a Polícia?

Emira abaixou o braço e respondeu:

— Para quê?

— Olá, pequenita. — O guarda apoiou-se num joelho; a sua voz era gentil e experimentada. — Quem é esta mulher?

— Meu amor? — disse a mulher suavemente. — Ela é tua amiga?

Emira queria abaixar-se e pegar em Briar ao colo — talvez se Briar lhe visse o rosto mais claramente, ela soubesse dizer o nome dela? —, mas ela sabia que vestia uma saia gravemente curta e que agora havia

um telemóvel envolvido. Parecia-lhe, de repente, que o seu destino estava nas mãos de uma criança que acreditava que os brócolos eram árvores bebês, e que se nos escondêssemos debaixo de cobertores isso nos tornava mais difíceis de encontrar. Emira prendeu a respiração quando Briar enfiou os dedos na boca. Briar disse:

— Mira.

Emira pensou: *Graças a Deus.*

Mas o guarda disse:

— Não és tu, querida. Esta tua amiga. Qual é o nome dela?

Briar gritou:

— Mira!

— Ela está a dizer o meu nome — disse-lhe Emira. — Chamo-me Emira.

O guarda perguntou-lhe:

— Pode soletrar o nome?

— Ei, ei, ei! — disse o homem atrás do telefone, tentando chamar a atenção de Emira. — Mesmo que to peçam, não tens de mostrar a tua identificação. É a lei do estado da Pensilvânia.

Emira disse:

— Eu conheço os meus direitos, pá.

— Senhor — o guarda virou-se. — Não tem direito a interferir num crime.

— Ora, ora, ora, um *crime*? — Emira sentia-se como se estivesse a afundar-se. Todo o sangue no seu corpo parecia estar a zumbir e a pulsar com violência atrás dos ouvidos e olhos. Ela baixou-se para pegar em Briar ao colo, afastou ligeiramente os pés para manter o equilíbrio e lançou o cabelo para trás. — Que crime está a ser cometido aqui? Eu estou a *trabalhar*. Neste momento, estou a ganhar dinheiro, e aposto que estou a ganhar mais do que você. Nós viemos aqui para ver castanhas. Portanto, pode dizer-me se estamos presas ou se podemos ir-nos embora?

À medida que falava, Emira tapava os ouvidos da criança. Briar enfiou a mão pelo decote da blusa dela.

Mais uma vez, a mulher queixinhas levou a mão à boca. Desta vez, disse:

— Oh! Minha nossa!

— Pronto, minha senhora. — O guarda encheu o peito, a fim de que a sua postura estivesse à altura. — A senhora vai ser detida e interrogada, porque a segurança de uma criança está em risco. Por favor, pouse a criança no chão...

— Olhe, sabe que mais? — O tornozelo esquerdo de Emira vacilou quando ela tentou tirar o telemóvel de dentro da bolsa. — Vou telefonar ao pai dela e ele pode vir aqui. É um homem branco, pelo que penso que toda a gente por aqui se vai sentir muito melhor.

— Minha senhora, vou pedir-lhe que se acalme.

Com as palmas das mãos viradas para Emira, o guarda cruzou outra vez o olhar com Briar.

— Querida, quantos anos tens?

Emira digitou as primeiras quatro letras para *Peter Chamberlain* e carregou para fazer a chamada. Na palma da mão de Briar, que segurava, sentia o pulsar do próprio coração sob a pele.

— Quantos anos tens, queridinha? — perguntou a mulher. — Dois? Três? Ela parece ter dois? — acrescentou, virando-se para o guarda.

— Oh! Meu Deus! Está quase lá — murmurou Emira.

— Minha senhora — disse o guarda, apontando um dedo à cara dela. — *Eu estou a falar com a criança.*

— Oh! Certo. Porque é realmente a ela que tem de perguntar... Bebê, olha para mim. — Emira forçou uma expressão tranquila nos lábios e balançou ligeiramente a criança. — Quantos anos tens?

— Um, dois, *tês*, quatro, *cico*.

— Quantos anos tenho eu? — perguntou Emira.

— Feliz *anivesário*!

Emira olhou outra vez para o guarda e disse:

— Satisfeito? — No telefone dela, o toque parou. — Senhor Chamberlain? É a Emira, olá. Consegue ouvir-me?

— Eu quero falar com o pai dela — disse o guarda, pegando no telefone.

— Que merda é esta? Não me toque! — Emira rodou o corpo. No movimento, engasgou-se. Segurava o cabelo preto e sintético junto ao peito, como se fossem contas de rosário.

— É melhor não lhe tocar, pá — avisou o *Penn State*. — Ela não está a resistir, está a telefonar ao pai da criança.

— Minha senhora, estou a pedir-lhe gentilmente que me passe o telefone.

— Então, pá, não lhe podes tirar o telefone.

O guarda virou-se, com um braço estendido, e gritou:

— Para trás, senhor!

Com o telefone encostado à cara e a mão de Briar no seu cabelo, Emira gritou:

— Você nem sequer é um polícia a sério, portanto, afaste-se você, meu filho!

E, então, viu a cara dele transfigurar-se. Os olhos diziam: *Estou a topar-te, sei exatamente o que tu és*. Emira prendeu a respiração e continuou a pedir ajuda. Ouviu a voz do Sr. Chamberlain ao telefone, que disse:

— Emira? Estou?

— Senhor Chamberlain? Pode, por favor, vir ao Market Depot?

E, no mesmo modo de pânico controlado com que a noite tinha começado, acrescentou:

— Porque acham que eu raptei a Briar. Pode vir depressa, por favor?

Ele disse algo como *o quê?* ou *meu Deus!* e depois disse claramente:

— Vou já para aí.

Emira nunca teria pensado que as acaloradas acusações fossem dar lugar ao silêncio que se seguiu. Os cinco ficaram ali, parados, parecendo mais aborrecidos do que propriamente convencidos de que estavam certos, enquanto esperavam para ver quem ia ganhar. Emira mantinha os olhos no chão, e Briar começou a brincar com o cabelo que caía pelos ombros dela.

— Este é como o cabelo do meu cavalo — disse Briar.

Emira abanou a cabeça e disse:

— Pois é. Foi muito caro, por isso, tem cuidado.

Por fim, ouviu-se o deslizamento de uma porta automática. Em passo apressado, o Sr. Chamberlain apareceu no corredor dos cereais. Briar apontou um dedo e disse:

— Papá.

O Sr. Chamberlain parecia ter vindo a correr o caminho todo — tinha uma pequena gota de suor no nariz — e pousou uma mão num ombro de Emira.

— Que se passa aqui?

Emira respondeu contendo o riso. A outra mulher deu um passo atrás e disse:

— Muito bem, vou deixar-vos então tratar do assunto.

O guarda começou a explicar-se e a desculpar-se. Tirou o chapéu quando chegaram reforços.

Emira não esperou até que o Sr. Chamberlain terminasse o discurso feito aos guardas sobre como há quanto tempo ia àquela loja, sobre como não podiam deter pessoas sem uma causa razoável ou sobre quanto era inapropriado questionar as decisões dele como pai. Em vez disso, apenas lhe murmurou:

— Até amanhã.

— Emira — disse ele. — Espera, deixa-me pagar-te.

Ela recusou, abanando as mãos.

— Eu costumo receber às sextas-feiras. Vejo-te no teu aniversário, Bri.

Mas Briar já adormecera profundamente no ombro do Sr. Chamberlain.

Já lá fora, Emira acelerou o passo ao virar a esquina, na direção oposta à da casa dos Chamberlains. Parou em frente a uma padaria fechada, com *cupcakes* na montra, atrás de uma grade de segurança; as mãos dela ainda tremiam, enquanto fingia mandar uma mensagem a alguém. A inspirar pelo nariz e a expirar pela boca, passava os olhos a correr por centenas de canções. Ajustou a blusa e puxou a saia para baixo.

— Ei, ei, ei. — Apareceu o *Penn State* à esquina da rua. Caminhou na direção dela e disse: — Ei, estás bem?

Emira encolheu os ombros, como que dizendo: *Não sei*. Com o telemóvel à frente da barriga, mordida o interior de uma bochecha.

— Escuta, aquilo ali foi uma grande merda — disse ele. — Tenho tudo gravado. Se eu fosse a ti, entregava tudo aos média.

— Ah! Sim... não — disse ela, afastando o cabelo da cara. — Nem pensar, mas... obrigada, de qualquer forma.

Ela fez uma pausa e passou a língua pelos dentes da frente.

— Está bem, mas aquele gajo foi um imbecil para ti. Não queres que ele seja despedido?

Emira riu-se e disse:

— Para quê? — Rodou sobre os sapatos de salto alto e voltou a guardar o telefone na mala. — Para que ele possa ir para outro supermercado arranjar um trabalho de merda pago a nove dólares por hora? Por favor. Não quero que as pessoas *googlem* o meu nome e me vejam bêbada, com um bebé que não é meu, numa merda de um supermercado em Washington Square.

O homem respirou fundo e ergueu um braço, rendendo-se. Sob o braço, estava um saco de papel do Market Depot.

— Bem, quero dizer... — Colocou a mão livre na anca. — Pelo menos, podias tentar sacar produtos grátis do supermercado durante um ano.

— Ah! Está bem. Encher a despesa de *kombucha* e essas merdas?

Ele riu-se e disse:

— É justo.

— Deixa-me ver o teu telefone — pediu ela, estendendo a mão na direção dele. — Tens de apagar isso.

— Tens a certeza de que queres fazer isso? — perguntou ele cuidadosamente. — Estou a falar a sério, isto é o tipo de coisa que podias usar para artigos de opinião em jornais ou algo assim.

— Eu não sou escritora — disse Emira —, e não quero saber da Internet, por isso, dá cá.

— Espera, então e que tal isto? — Ele pegou no telefone. — É um assunto teu e apago isto sem problemas, mas deixa-me enviar-to primeiro por *e-mail*, para o caso de alguma vez mudares de ideias.

— Mas eu não vou mudar de ideias.

— Só por precaução... vá. Escreve aí o teu *e-mail*.

Porque lhe parecia mais fácil partilhar o *e-mail* do que convencê-lo do contrário, Emira segurou a alça da bolsa numa mão e com a outra começou a escrever. Quando viu o endereço de *e-mail* na secção do remetente, leu *KelleyTCopland@gmail.com*, parou e disse:

— Espera lá, quem é o Kelley, merda?

Ele piscou os olhos.

— O Kelley sou eu.

— Oh! — Quando terminou de escrever o seu *e-mail*, Emira olhou para cima e disse: — A sério?

— Já sei, já sei. — Ele pegou no telefone outra vez. — Sobrevivi ao ensino secundário com este nome, por isso, já não me podes magoar mais.

Emira sorriu.

— Não admira que venhas aqui às compras.

— Ei, eu não costumo vir muito aqui às compras — riu-se. — Mas não me faças sentir ainda pior. Eu tenho dois tipos de *kombucha* aqui no saco.

— A-hã — disse ela. — Apagaste-o?

— Já está.

Ele mostrou-lhe o ecrã e deslizou para baixo. A foto mais recente era a de um homem que ela não conhecia com um *post-it* colado à cara. Ela não conseguia ler o que estava escrito nele.

— Pronto. — Emira puxou um fio de cabelo que lhe ficara colado aos lábios, fez-lhe um esgar de *não sei bem* e repetiu: — Então, adeus.

— Tem uma boa noite, porta-te bem.

Ficou claro que aquele não era o desfecho que ele tinha adivinhado, mas Emira não queria saber disso. Caminhou na direção do metro enquanto escrevia uma mensagem para Zara: «Vem ter comigo quando te despachares.»

Emira podia apanhar um táxi — o Sr. Chamberlain seguramente devolver-lhe-ia o dinheiro —, mas não queria fazê-lo, porque nunca o fazia. Ficaria com a futura nota de vinte dólares e iria apanhar o metro para o seu apartamento em Kensington. Pouco depois da uma da manhã, a Zara tocou à campainha, do fundo da escada.

— Não consigo lidar com nada disto. — Zara disse-o sentada na sanita de Emira, enquanto ela limpava a maquilhagem e cruzava, no espelho, os olhos com a amiga. — Porque, sinceramente, desde quando é que a dança Running Man é considerada *booty dancing*? — dizia Zara, erguendo as duas mãos em frente à cara.

— Não sei — devolveu Emira, removendo o batom com uma toalhita enquanto falava. — Além disso, já conversámos sobre o assunto — disse ela — e toda a gente concordou que eu danço melhor do que tu.

Zara revirou os olhos.

— Não é uma competição, nem nada que se pareça — tentou Emira outra vez. — Mas acontece que a vencedora sou eu.

— Miúda — disse Zara —, aquilo podia ter dado para o torto.

Emira riu-se e disse:

— Z, está tudo bem. — Mas depois encostou as costas da mão à cara e começou silenciosamente a chorar.

2

Entre 2001 e 2004, Alix Chamberlain enviou mais de cem cartas e recebeu mercadorias avaliadas em mais de novecentos dólares. Estes produtos grátis incluíam grãos de café, barras de cereais *Luna*, amostras de maquiagem, velas ambientadoras, massa para pendurar cartazes na paredes no dormitório, assinaturas de revistas, protetores solares e máscaras faciais — tudo artigos que Alix partilhava com as colegas de quarto e com as outras raparigas do piso. Enquanto aluna de *marketing*, com especialização em finanças, Alix fizera análises a produtos para um jornal escolar durante os segundo e terceiro anos na Universidade de Nova Iorque. No último ano, desistiu do jornal para se tornar estagiária numa pequena publicação, mas não parou de enviar cartas. Em papel de carta grosso, texturizado, com uma caligrafia desenhada, Alix pedia delicadamente as coisas que queria, e era raro não as receber.

Durante os quatro anos seguintes, Alix escreveu cartas para a Ray-Ban, para Conan O'Brien, a Scholastic, a Keurig, a Lululemon, a W Hotels, a Smartwater e centenas de outras marcas e empresas. Na maior parte das vezes, enviava os pedidos acompanhados por elogios, mas havia de vez em quando umas críticas táticas e umas sugestões de melhoramento. Alix tinha um jeito especial para tirar fotografias de qualidade aos brindes que recebia, e publicava-as, juntamente com as cartas que tinha enviado, no seu blogue. Foi um projeto que começou sem grandes aspirações, mas que fez que ganhasse um pequeno

número de seguidores na Internet. Foi mais ou menos nessa altura que conheceu Peter Chamberlain.

Alix conheceu Peter num bar quando tinha vinte e cinco anos e, se tivesse de ser sincera a esse respeito, admitiria que julgara que ele era muito mais alto antes de se levantar no final da conversa. Mas, além de terem alturas parecidas, as personalidades também o eram. Peter fazia todas aquelas coisas encantadoras, que eram requintadas, mas não pedantes, como colocar hortelã na água e, de forma discreta, dar uma gorjeta de trinta por cento ao empregado. Aquilo de que Alix gostou imediatamente em Peter foi que ele tratara o projeto paralelo dela como se fosse um trabalho a sério. Alix falava das suas cartas com um tom de desconsideração:

— Bem, eu... escrevo cartas e comentários, e tenho um blogue... mas é uma coisa pequena, não é nada de especial.

Peter pediu-lhe que repetisse o que acabara de dizer, mas, desta feita, fingindo que era algo especial. Peter era um jornalista que se tornara apresentador, criado na região Norte do estado de Nova Iorque. Era oito anos mais velho do que Alix, não achava estranho usar maquilhagem em frente às câmaras e acreditava decididamente na construção de uma marca pessoal. Quando Alix se casou com Peter, aos vinte e seis anos, as lembranças aos convidados, os sapatos e o vinho branco no casamento foram tudo artigos que recebeu sem pagar, por ter redigido maravilhosas cartas escritas à mão e promessas de críticas com louvores. Na lua-de-mel, em Santorini, Peter ajudou-a a escrever cada uma das críticas entusiasmadas.

Alix trabalhava no recrutamento de estudantes da Hunter College quando uma amiga — professora de inglês do ensino secundário na Columbia Grammar and Prep — lhe pediu que orientasse um *workshop* de redação de cartas de apresentação a uma das suas turmas. Uma das participantes foi Lucie, de dezassete anos, aluna do último ano com dentes irrealisticamente brancos, cabelo rosa-claro e trinta e seis mil seguidores no Instagram. Três meses depois do *workshop*, Lucie publicou uma foto na sua conta com a carta de apresentação e o ensaio que tinha preparado com a ajuda de Alix, além das cartas de admissão das universidades UC Irvine, UC Santa Barbara, Fordham

e Emerson. *Devo todas estas admissões à Alix*, escreveu na legenda. *Sinceramente, nunca me teria candidatado nem a metade destas universidades se ela não me tivesse ajudado a deixar a carta de apresentação assim tão impressionante. #TudoOQueTensDeFazerÉPedir #EscreveUmaCarta #LetHerSpeak*. O post de Lucie recebeu mais de mil e setecentos gostos, de um dia para o outro, e Alix Chamberlain tornou-se uma marca. A sua propensão para receber mercadorias de graça rapidamente se transformou numa filosofia sobre a forma como as mulheres se devem fazer ouvir, devolvendo a comunicação ao básico. A meio da noite, Alix alterou a sua biografia do Instagram para *#LetHerSpeak*. Peter sugeriu que ela apostasse no *rebranding* do *site*, e que não se esquecesse dele quando fosse famosa.

No ano em que fez vinte e nove anos, Alix desistiu do emprego que tinha na Hunter College. Organizou *workshops* sobre cartas de apresentação e de preparação para entrevistas em centros de correção, retiros sobre liderança, irmandades e eventos sobre carreiras. Os alunos inscreviam-se para as palestras em feiras de recrutamento nas faculdades e a caixa de *e-mail* dela ficava atolada de mensagens de *obrigado!* e *entrei!*. Alix também foi contactada por uma empresa de topo para ajudar a projetar uma nova linha de artigos de papelaria e escritório vocacionada para mulheres. O papel era cor de marfim, as canetas, azul-escuras, e Alix fez a segunda estreia numa publicação impressa desde a Universidade de Nova Iorque, dessa feita na revista *Teen Vogue*. Não a prejudicou os seus grandes olhos azuis e as pernas surpreendentemente longas serem considerados bastante fotogénicos. Na fotografia utilizada no seu novo *site*, sob o título «Sobre Alix», aparecia sentada, rindo-se à beira de uma mesa de escritório, dois montes de cartas a transbordar de caixas de correspondência e o cabelo volumoso, cor de areia, preso de forma negligente e charmosa.

Peter acreditava nela; sempre acreditara. E o impacto do seu trabalho era palpável nos testemunhos graciosos que os novos estagiários organizavam e fotografavam para o blogue, mas Alix ficava muitas vezes chocada com a confiança genuína que as organizações depositavam nas capacidades dela. Alix era convidada para discursar em painéis ao lado de donos de pequenos negócios a respeito de tópicos como «Hospitalidade no local de trabalho» e «Preparar líderes para

mudanças criativas». Participou em *podcasts* feministas que debatiam culturas organizacionais sustentáveis para mulheres nos setores de tecnologia e engenharia. E, uma vez, apresentou um *workshop* intitulado «Dando o Primeiro Passo», enquanto duzentas mulheres solteiras bebiam champanhe em copos de plástico transparente numa sala de aula. Alix adorava escrever cartas e pensava que era boa nisso, porém foi a consistente confiança e entusiasmo das pessoas ao seu redor que permitiram o florescimento da ideologia LetHer Speak.

Foi durante um *brunch*, enquanto falava para um pequeno grupo de educadores da importância de ensinar letra cursiva nas escolas, que Alix sentiu o estômago às voltas e deu por si a pensar: *Espero não estar grávida*. Estava, e, duas semanas depois, Peter desatou a chorar na esquina da universidade com a rua 13, quando ela confirmou a notícia. Perguntou imediatamente:

— Será que devemos mudar de casa?

Voltar para Filadélfia, a cidade natal de Alix, tinha sido um plano distante desde que se tinham conhecido, quatro anos antes. Ele queria um quintal e crianças para brincar nele; queria que essas crianças andassem de bicicleta num familiar *cul-de-sac* ou numa rua onde ninguém estivesse a vender malas falsificadas ou a correr uma grade de ferro, pesada, para fechar uma mercearia. Mas, no auge da nova carreira, uma que ela nunca imaginou possível, Alix recuou em relação à ideia de Peter.

— Não, não — disse ela. — Ainda não, ainda não.

Briar Louise nasceu. O mundo de Alix tornou-se um lugar definido por espaços infantis, máquinas de ruídos para adormecer, aréolas irritadas e uvas cortadas ao meio. Os seus dias passaram subitamente a estar atravessados por referências a si própria feitas na terceira pessoa («Esse é o brinco da mamã»; «A mamã está ao telefone»), referindo-se às idades em meses e não em anos, socorrendo-se da expressão *menina crescida* para caracterizar qualquer coisa a fim de incitar entusiasmos domésticos (sestas de menina crescida, colheres de menina crescida, calças de menina crescida) e aceitando beijos molhados, de boca aberta, dados por uma pessoa pequena que se babava e que só recentemente passara a viver fora do corpo dela.

Naquela altura, Alix tinha uma equipa composta por uma assistente editorial, duas estagiárias e um *escritório* que se estendia pela cozinha do seu apartamento no Upper West Side. Peter queria mudar-se. A sua ambição de se tornar apresentador de telejornal em Nova Iorque fora atingida pela realidade: ele aparecia na televisão cinco noites por semana para uma audiência de Riverdale de não mais de oito mil pessoas, cobrindo histórias de casamentos de cães para efeitos de beneficência, brinquedos devolvidos e turistas na Times Square que tentavam completar pistas de obstáculos para tentar ganhar vales de compras na Best Buy. Vários jornalistas seniores de Filadélfia iriam reformar-se em breve, e tinham salários equivalentes ao de Peter em Riverdale. Havia igualmente rumores de que o apartamento onde moravam podia ser vendido, pelo que talvez tivessem de vir a desocupá-lo.

Filadélfia sempre fora um plano para ele, mas Alix Chamberlain ainda estava apenas a começar.

A revitalização do blogue de Alix, detalhando informações sobre outras mulheres correspondentes de cartas bem-sucedidas na missão conseguir-tudo-o-que-se-quer, tinha seis mil cliques por dia. Ela estava a concluir uma parceria com um hospital para uma campanha de angariação de fundos, que duraria uma semana, subordinada ao tema das cartas de amor. E, com vestido e chapéu pretos, Alix discursou em duas cerimónias de finalistas de ensino secundário de escolas só para meninas, para filas de espectadoras ávidas e entusiastas.

Além da carreira, pela primeira vez desde a faculdade, Alix tinha um grupo de amigas. Rachel, Jodi e Tamra eram mulheres inteligentes e sarcásticas, bem-sucedidas nas carreiras e com filhos pequenos, e ter um bebé parece menos assustador quando um grupo de mulheres amigas está a viver o mesmo.

Mas então, aparentemente do nada, Briar começou a falar.

Afunilada por dois grandes dentes da frente, a voz de Briar consumia tudo no caminho. Era alta e rouca e nunca parava. Quando Briar dormia, era como se um alarme de incêndio se tivesse desligado de repente, e a cabeça de Alix vibrava com aquilo que recordava como paz e sossego. As amigas de Alix garantiram-lhe que com os seus miúdos se tinha passado a mesma coisa, que afinal eles estavam numa fase em que

ficavam muito animados por poderem comunicar. Ainda assim, aquilo parecia-lhe extremo. Briar estava constantemente a fazer perguntas, a cantar, a divagar, a cantarolar, a explicar que gostava de cães, que uma vez vira uma tartaruga, que queria fazer um dá-cá-mais-cinco, que não estava de modo nenhum cansada.

Quando Alix ia buscar Briar ao apartamento da mãe de Peter, em Midtown, a mulher abria a porta numa velocidade desesperada que Alix conhecia bem. Conseguia sempre ouvir a voz da filha logo do elevador, mesmo antes de chegar ao andar certo. Alix estava a gerir o seu negócio, saboreando as pequenas bolsas de silêncio e apresentando sugestões de livros a agentes literários quando, um dia, no momento em que pegou na cadeira de balanço de Briar, percebeu que estava, outra vez, grávida. A reação de Peter, na cozinha da casa deles, foi mais preenchida por confusão do que por alegria.

— Eu pensei... — Abanou a cabeça. — Eu pensei que isso não poderia acontecer enquanto se está a amamentar.

Alix contraiu os lábios e fez uma expressão que significava *também eu*.

— É raro, mas não é impossível.

— Alix, não podemos fazer isto.

Peter disse-o olhando para a mesa da cozinha, que fora transformada num recetáculo para um projeto em curso do *LetHer Speak*, incluindo fotografias Polaroid e papel de embrulho. Copinhos com palhinhas secavam em toalhas de papel alinhadas no parapeito da janela, e havia panelas cheias de material reciclável. Nessa manhã, quando Peter desceu as escadas, ficou surpreendido com uma estagiária que estava de cabeça para baixo apenas para fazer um rabo de cavalo. Depois, bebeu um café, enquanto essa e uma outra estagiária vestiam polos brancos com a inscrição *LetHer Speak* nos bolsos.

— Não temos panelas suficientes para encaixar um segundo filho — disse ele.

E, dias depois, no seguimento da chegada de uma carta da empresa que iria comprar o complexo de apartamentos onde viviam, Peter anunciou:

— Vou telefonar a um agente em Filadélfia.

Que podia ela fazer? Dizer que não? Havia tal escassez no mercado imobiliário em Nova Iorque, que teria sido uma loucura sequer considerar a possibilidade de comprarem a casa ou de arrendarem uma maior. Sim, ela agora ganhava mais dinheiro do que ele, mas, não, não era o suficiente para acomodar confortavelmente duas crianças no seu bairro de West Side. E, claro, podia procurar em Queens ou em Nova Jérсия, mas então, se calhar, valia mais a pena mudarem-se para Filadélfia. E, vendo bem, Alix trabalhava de casa. Filadélfia não era assim tão longe. E, mais do que tudo, aquela era a pessoa que Alix quisera ser quando conheceu Peter naquele bar.

— Acho que ainda aguento mais uns três anos nesta cidade — disse-lhe ela. — Sempre que me sento no suor do rabo de alguém no banco do comboio, essa contagem de tempo desce umas duas semanas.

Esta era uma das características que Peter sempre apreciara em Alix: ela não precisar de estar em todos os acontecimentos, gostar de sair da cidade, ser uma excelente condutora e querer que os filhos fossem bater às portas dos vizinhos para doces ou travessuras, em vez de andarem enfiados em apartamentos ou em centros comerciais.

Portanto, ela tinha de mudar-se. Alix e a família iriam deixar Nova Iorque. Mas o momento não poderia ter sido pior. Alix andava ocupada a escrever uma carta muito importante para a equipa de campanha da secretária de Estado Hillary Clinton, que acabara de anunciar a corrida à presidência. Era uma causa que realmente lhe interessava, a plataforma feminista de Hillary encaixava-se perfeitamente na marca dela, pelo que uma ligação a Hillary poderia manter Alix relevante mesmo quando não estivesse a viver na cidade mais relevante do país. Felizmente, Tamra, uma querida amiga de Alix, conhecia a mulher de um dos assessores de campanha da secretária de Estado Clinton. Depois de quatro versões e de mudanças constantes de *Sua, Alix* para *Os melhores cumprimentos, Alix*, carregou em *enviar* e dessa forma seguiu uma proposta de colaboração voluntária que ela esperaria que pudes-se depois tornar-se algo pago. Passaram semanas e não teve resposta, nem do assessor da campanha, nem das pessoas com quem tinha contactado diretamente.

Abruptamente, estava tudo encaixotado, mas Alix não tinha permitido que a passada da sua rotina abrandasse. Ela adorava tudo aquilo: participar em painéis e ouvir mulheres brilhantes em vestidos demasiado grandes e com batons exageradamente dramáticos, adolescentes enviando *e-mails* com as suas histórias de sucesso na obtenção do primeiro emprego. Mas ainda não havia nenhuma resposta da campanha Clinton, nem dos seis agentes para os quais enviara a proposta do livro. Entre iniciativas de angariações de fundos e *brunches*, enquanto cumprimentava com passou-bens alunos do ensino secundário, Alix pensava: *Será isto? Será isto o máximo que poderei alcançar?*

Mas, na manhã do dia da sua última palestra em Nova Iorque — integrava um painel num evento chamado *Mulheres nos Pequenos Negócios* —, Alix decidiu não usar a bomba de tirar leite. Chamou uma das suas estagiárias, a que tinha mais experiência como *baby-sitter*, e disse:

— Que achas de ficares com a Briar ao colo durante a apresentação?

No palco de um teatro no SoHo, Alix posicionou-se entre os dois homens que também estariam no painel, um apresentador de *podcast* e um pai de cinco gémeas protagonista de um *reality show*. Perante uma plateia de trezentas pessoas, o painel debatia temas relacionados com a saúde reprodutiva e livros encorajadores para meninas enquanto os seios de Alix — principalmente, o esquerdo — doíam de inchaço. Por fim, depois de a plateia se ter rido de uma piada feita pela apresentadora do evento, Briar mexeu-se e abriu os olhos.

Briar choramingou e perguntou por que razão a Mamã estava lá em cima, e se a estagiária tinha *Cheerios* para ela comer, e também se ela podia descer. Alix levou um dedo aos lábios, pedindo silêncio à filha, na primeira fila. A estagiária apontou para a porta e disse baixinho: *Quer que a leve lá fora?* Alix, porém, recusou com a cabeça. Esperou até que lhe fizessem outra pergunta.

— Eu acho que as mulheres estão, na maior parte das vezes, apenas à espera de que lhes reservem também a elas um lugar à mesa — disse Alix. O microfone preso à gola da camisa projetou-lhe a voz até ao fundo do auditório. — Mas o que costuma ouvir-se é «eu quero um tratamento especial», quando na verdade não é esse o caso. E o facto de... — O coração de Alix acelerava enquanto tentava continuar. — Peço

desculpa por ter de interromper esta conversa. — Estava realmente a fazer aquilo? *Sim*, disse para si mesma. *Sim, estava*. — Tenho mais coisas para dizer a este respeito, mas a minha filha é essa criança muito agitada na primeira fila, porque acabou de acordar de uma longa sesta e, se toda a gente concordar, eu gostaria de... bem, na verdade não estou propriamente a pedir.

Levantou-se e explicou o resto com as mãos enquanto caminhava na direção da frente do palco.

— Vou alimentar a minha filha enquanto participo, porque consigo, realmente, fazer as duas coisas.

Gritos e aplausos ecoaram na multidão. Alix dobrou os joelhos para o lado quando alcançou Briar, que foi imediatamente recebida com sons de admiração enquanto agarrava o pescoço da mãe.

— Podes atirar-me essa camisa? — acenou Alix à estagiária, referindo-se à *T-shirt* de um cor-de-rosa-pastel que lhe tinha sido dada num saquinho de brindes. Ela atirou-lha por cima do ombro e caminhou para os bastidores do palco.

A moderadora do evento, uma agitada estudante de pós-graduação, pegou no microfone para dizer:

— És a maior, miúda!

Depois, olhou para os bastidores e sussurrou:

— Será que deveria continuar?

Mas Alix, justamente nessa altura, voltou dos bastidores do palco, com Briar agarrada firmemente ao seio esquerdo dela. A *T-shirt* cor-de-rosa estava a tiracolo e escondia da vista a cabeça da bebé. Os sapatos de Briar pendiam adoravelmente do braço direito de Alix quando ela se recostou no assento.

— Pronto, agora, sim, vamos a isto. Nem demorou muito, pois não?

Alix voltou-se para a moderadora e disse:

— Terei muito gosto em recomeçar de onde parei.

Alix recomeçou, de facto, de onde parara e, quando terminou, a quase desfalecida moderadora agradeceu-lhe duplamente pelas respostas e pela franqueza. Tal como Alix previra, a apresentadora perguntou-lhe então o nome da filha e a idade. Alix certificou-se de que as suas palavras eram claras.

— Aqui esta minha cliente é a Briar Louise. Tem dois anos e é *muito* boa nisso. — O sorriso de Alix praticamente desafiou o público a olhar para a criança que lhe sugava o peito.

Os fotógrafos do evento aproximaram-se do palco. Posicionaram-se no corredor para obter uma imagem mais nítida de Alix, de pés cruzados, amamentando a filha por cima de uma barriga de grávida, e falando a uma plateia entre dois homens de fato. Em determinada altura, um fotógrafo murmurou:

— Importa-se de ajustar a camisa, para que se veja o logótipo?

Alix riu-se e concordou. Alisou a camisa contra o lado da cabeça de Briar e deixou a parte de baixo pendurada. A tapar-lhe a cara da filha estava a frase, a preto, *Mulheres nos Pequenos Negócios*.

Naquele dia, Alix ganhou mais mil seguidores. A *Mulheres nos Pequenos Negócios* publicou uma fotografia do momento na conta do Instagram, com uma legenda dizendo: «Encontre uma mulher que faça as duas coisas.» Duas revistas dedicadas à maternidade quiseram entrevistá-la sobre a amamentação e os estigmas e benefícios associados. Alix pagou a dobrar às estagiárias para que ficassem a trabalhar mais uma hora, respondendo a *e-mails*, telefonemas e pedidos de entrevista. Um representante da campanha Clinton ligou-lhe para o telemóvel. Manifestaram pesar por terem perdido o *e-mail* que ela enviara, mas reforçaram que adorariam tê-la como participante em alguns eventos ainda naquele ano. Dois dos agentes que Alix também contactara responderam-lhe aos *e-mails*. Num prazo de dez dias, Alix vendeu o seu livro a uma editora chamada Maura, da HarperCollins, uma mulher com duas crianças e uma capacidade para responder a *e-mails* de forma assustadoramente rápida.

O entusiasmo generalizado com a sua amamentação levou-a ao longo da linha do estado da Pensilvânia para a sua nova casa e para o seu terceiro trimestre de gravidez. Antes de deixar a cidade, Alix tirou muitas fotos com a assistente e as estagiárias na pequena festa de despedida realizada no escritório a rebentar pelas costuras, mas não as publicou *online*. Nunca mencionou a saída de Nova Iorque no blogue, nas contas de redes sociais ou com a equipa Clinton. Em vez disso, apanhava o comboio sempre que precisavam dela. Fingia que estava lá enquanto

escrevia o livro e voltaria mais vezes quando as miúdas estivessem mais crescidas.

E então, em Filadélfia, depois de cinco curtas horas de trabalho de parto, Catherine May nasceu, e o seu rosto tomou de pronto as formas do da mãe. Alix olhou para aquele rosto pequenino, fofo e confuso e pensou: *Sabem que mais? As coisas vão correr bem por aqui.*

E correram. Todas aquelas coisas que não eram relativas a Nova Iorque voltaram para ela em pequenos e iluminados momentos. Tinha um carrinho para ir às compras. Um bilhete para o cinema não custava catorze dólares, apenas dez. E vivia numa casa de estilo *browstone*, de três andares (a sete minutos a pé de Rittenhouse Square), numa rua cheia de árvores e sombra. A casa tinha uma entrada grande, com piso de mármore, e uma cozinha charmosa no segundo andar. O balcão da cozinha era amplo, e uma mesa para seis, sob um lustre, dava para a rua através de uma parede curva envidraçada. Pela manhã, com panquecas e ovos no fogão, Alix e as crianças podiam sentar-se às janelas e ver as pessoas lá em baixo, passeando cães, ou ficar a ver os recolectores de lixo andarem para trás e para a frente. Ao ver todas aquelas coisas e ao consciencializar-se de quanto significavam, Alix sentiu imediatamente uma pequena ponta de satisfação, mas depois um doloroso desejo de as mostrar a alguém. Às amigas. Às estagiárias da LetHer Speak. A um estranho qualquer parado numa plataforma imunda numa estação de metro nova-iorquina.

Antes de Filadélfia, Alix nunca tinha contratado uma *baby-sitter* regular. A mãe de Peter estava sempre disponível e, com três amigas que também tinham filhos pequenos, havia uma partilha implícita quando alguém tinha de ficar a tomar conta de mais uma criança durante algum tempo, enquanto a Mamã corria para o dentista ou tinha de despachar uma encomenda pelo correio. Muitas das raparigas candidatas foram recomendadas pelos novos colegas de Peter na estação televisiva, o que conduziu a entrevistas feitas a Carlys e a Caitlyns, a monitoras de acampamentos de férias e a assistentes domiciliárias feitas nos banquinhos de bar da nova cozinha de Alix. Diziam a Alix quanto apreciavam o LetHer Speak, e como gostariam de que ela tivesse estado ao lado delas para as ajudar nas candidaturas à universidade, e

que não faziam a mais pequena ideia de que ela se tinha mudado para Filadélfia. Aquelas raparigas, Alix sabia, nunca serviriam.

Alix tinha um talento natural para conseguir amostras promocionais em Nova Iorque, e a procura por uma *baby-sitter* em Filadélfia não era diferente. As amigas nunca o fariam, mas ela criou um perfil no SitterTown.com e começou a pesquisar fotografias de prestadoras de cuidados. Tudo aquilo lhe pareceu muito artificial e impessoal, mas Alix tinha conseguido negociar dois dos seus três apartamentos em Manhattan com anúncios duvidosos no Craigslist e, à semelhança das descrições dos maus apartamentos nos quais tinha vivido quando tinha vinte anos ou pouco mais, também o perfil de Emira Tucker não tinha nenhuma fotografia disponível. A descrição dizia apenas que era licenciada pela Temple University, que tinha conhecimentos básicos de língua gestual e que conseguia digitar cento e vinte e cinco palavras por minuto. Alix murmurou: *Hum*. E logo clicou na opção de pedido de entrevista. Antes que Emira fosse a casa de Alix, falaram uma vez ao telefone. E, quando Alix abriu a porta para que Emira entrasse pela primeira vez, voltou a pensar: *Hum...*

As outras raparigas tinham perguntado a Alix como estava a correr o livro, se iria ter mais um filho e se tinha já tinha conhecido pessoalmente Hillary Clinton, mas Emira não falou muito. Briar viu imediatamente nisso um desafio e atacou verbalmente aquela mulher de vinte e cinco anos com histórias sobre o seu novo quintal e sobre todas as minhocas nas quais não tinha autorização para tocar, e também sobre como as boias só eram permitidas na piscina. Quando Briar terminou de falar, Emira baixou-se e disse:

— Certo, menina, e que mais tens para mim?

Mais importante ainda, Emira Tucker nunca ouvira sequer falar da LetHer Speak.

— Portanto, seria às segundas, quartas e sextas. — Era a sexta vez que Alix explicava o calendário a uma potencial *baby-sitter*. — Do meio-dia às sete. De vez em quando, levarei a Catherine comigo, ela é uma bebé muito fácil, e noutras vezes estarei apenas a escrever num café aqui pertinho — acrescentou.

— *Okay* — disse Emira, sentada na mesa da cozinha com Briar e passando-lhe um pedaço de *Play-Doh*. — Vai estar a escrever por trabalho ou por diversão?

— Tenho o meu próprio... — Alix inclinou-se sobre o balcão que as separava — ... bem, na verdade estou atualmente a escrever um livro.

— Uau — disse Emira.

Alix sentiu-se vazia e impaciente enquanto esperava que Emira lhe perguntasse qual era o tema do livro, qual era a editora ou quando estaria oficialmente à venda.

— É sobretudo uma compilação de cartas antigas... — disse ela, entre silêncios.

— Ah! Está bem — disse Emira. — É tipo um livro de história?

Alix brincava com o seu próprio colar.

— Sim, exatamente — devolveu, encostando os cotovelos na bancada e perguntando: — Emira, quando podes começar?

Três vezes por semana, Alix ficava sentada ao sol durante horas — Catherine dormia ao lado dela, à sombra — enquanto lia todas as coisas que nunca seria apanhada a ler se estivesse em Manhattan. A *Us Weekly* e a *People*. Uma fofoqueira sobre uma das últimas participantes de um programa *Bachelorette*, que tinha ficado conhecida por dormir com quatro dos pretendentes. Numa determinada sexta-feira, Alix deixou de lado o computador, o horário de escrita e as páginas da sua proposta de livro para ver três episódios de *House Hunters International* num canto de uma esplanada no terraço de um restaurante. Catherine só protestava quando tinha fome, e Alix levantou-a para dizer «olá, meu amor», antes de a tapar com um recobro de amamentação. A ideia de poder um dia usar as capacidades de datilógrafa de Emira rapidamente se tornou digna de riso, porque Alix teria de ter coisas que estivessem prontas para ser escritas. Já na cama, certa noite, Peter disse-lhe:

— Pareces muito mais feliz aqui.

Alix não sabia dizer se estava realmente mais feliz ou se apenas já não queria saber. Tinha engordado, e isso além de ter tido um bebé. Escrevia agora muito menos do que fazia quando estava em Nova Iorque e dormia muito mais do que quando Briar nascera. Mas, às 22h45 de um sábado à noite em setembro, cascas de ovo

esmagaram-se contra a janela da frente da sua casa e despertaram-na de um sono profundo. Não compreendeu imediatamente de onde vinha aquele barulho, mas quando Alix ouviu «racista de merda!» foi como se tivesse ficado *online*. Esticou-se e tocou no marido. Alix e Peter correram para a parte de cima das escadas e viram pedaços de ovos partidos e espalhados na janela. Justamente quando Peter dizia «eu avisei-te», dois grandes ovos partiram a janela. Vidro estilhaçado, cascas de ovos e um longo fio de gema e clara de ovo voaram para a casa dos Chamberlains. O ruído e a surpresa deram a Alix um aperto no peito. Só conseguiu voltar a respirar depois de ouvir risos de miúdos, ténis em fuga, alguém a dizer:

— Porra, corre depressa.

Catherine gritava e Briar disse:

— Mamã?

— Vou chamar a Polícia — disse Peter. — Merda. Eu *avisei-te* de que isto podia acontecer.

Naquela manhã, Laney Thacker, a coapresentadora do programa com Peter, tinha apresentado uma reportagem sobre formas criativas pelas quais os alunos estavam a convidar os seus pares a dançar: uma agradável tradição de boas-vindas no Beacon Smith High. Peter reforçou o entusiasmo dela com um:

— Misty está no *campus* para nos mostrar agora um pouco desse romance.

Foram exibidas imagens dos alunos com a voz de Misty a narrar. Os professores foram entrevistados, os alunos foram filmados ao lado de enormes balões de decoração e o barulho da multidão transformou-se em gritaria quando uma rapariga sardenta foi conduzida ao centro do campo. Um rapaz, vestindo uma *T-shirt* de futebol, apareceu com uma caixa de piza. Abriu-a para revelar as palavras escritas na tampa da caixa: «Eu sei que isto é *cheesy*¹, mas queres ir ao baile de boas-vindas?» Por baixo, rodelas de salame formavam um ponto de interrogação.

A reportagem terminou com um aluno de sensivelmente um metro e meio de altura, cabelo espesso e uma máscara branca a marchar na direção de um grupo de raparigas. Pousou uma coluna de som e

¹ Trocadilho entre dois significados de «cheesy»: com queijo e foleiro. (*N. do T.*)

carregou no *play*. Os amigos mascarados ajudaram a delimitar o espaço para que a dança começasse e a rapariga em questão tapou a boca com as mãos enquanto as amigas pegavam nos telefones. Depois de rodarem no chão sobre as cabeças e de intrincados padrões de dança com os dedos, o grupo deu por terminada a coreografia, mostrando uma bandeira branca na qual se lia «Festa de boas-vindas?» escrito a caneta. O adolescente negro à frente do grupo retirou a máscara e estendeu uma rosa.

Perante a alegria provocada pela aceitação da rapariga, Misty devolveu a emissão ao estúdio e a Peter.

— Uau! — exclamou Peter.

— Isto foi *muito* impressionante — concordou Laney. — Decididamente, nunca ninguém me convidou assim para dançar.

— Bem... — Peter abanou a cabeça. Os seus dentes apareceram quando se retraiu perante a câmara e disse: — Vamos esperar que aquele último tenha pedido primeiro ao pai dela. Obrigado por ver a WNFT, vemo-nos amanhã de manhã no *Philadelphia Action News*.

A reação negativa foi imediata.

Na secção de comentários abaixo do vídeo — então já disponível *online* —, críticas e perguntas surgiram entre os elogios.

«Hum, por que motivo o rapaz negro tem de pedir permissão ao pai dela, mas os brancos não?»

«Isso foi um pouco sexista. Não estamos no século XVIII?»

«WTF? Por que raio foi ele dizer aquilo?»

Alix estava a trabalhar num café, a beber um batido e a conversar num grupo de *chat* com as amigas de Manhattan. Tinha dito a Peter que era apenas uma escola de ensino secundário, que não tinha sido nada assim tão terrível e que ninguém se iria lembrar daquilo. (Ligeiramente tocada por champanhe, Alix deu por si a pensar: *Se não acontecer em Nova Iorque, na verdade, quem quer saber?*) Peter, porém, estava muito envergonhado.

— Saiu-me — disse ele. — Eu nem sei dizer porquê... apenas me saiu.

Alix garantiu-lhe que, na verdade, não tinha sido realmente assim tão mau. Mas, de repente, era. Logo depois do vidro partido, Alix tirou a filha mais nova do berço com tanta rapidez, que Catherine quase lhe saltou dos braços, mas acontecia que o mundo de Alix parecia estar a mexer-se debaixo de água. *E se o Peter for despedido?* Peter fora diretamente falar com os produtores do programa para se desculpar por aquela trapalhada e eles despacharam o assunto para algo entre o «são coisas que acontecem» e o «ainda és novo por aqui». Mas e se os estudantes se revoltassem de tal forma, que eles tivessem de reconsiderar? Mais uma vez, Alix espreitou do topo da escada e viu cacos de vidro espalhados pelo soalho. *Será que a campanha Clinton vai ouvir falar disto, e será que vão pensar que o meu marido é sexista? Ou, pior, racista? Como tinha ela chegado a este ponto? E como poderia estar assim tão gorda? Que casa era aquela, afinal?*

Peter levava Briar ao colo, enquanto a menina tinha as mãos nos ouvidos.

— Eu não gosto daquele barulho — disse ela. — Eu não... não gosto de som alto, Mamã.

— Chiu, chiu, chiu... — disse Alix a Briar talvez pela centésima vez naquela semana. Ela virou-se para Peter e disse: — Vou tentar falar com a Emira.

Peter concordou.

Quando Emira chegou, quinze minutos depois, numa pequena saia de couro sintético e em sandálias de salto alto com tiras, nas quais caminhava extraordinariamente bem, Alix estendeu o pequeno pulso de Briar na direção dela, enquanto pensava: *Espera aí, quem é esta pessoa? Oh! Meu Deus... será que ela sabe o que o Peter disse?*

E era, de repente, muito pior pensar no que Peter dissera se Emira, e não a possível primeira mulher presidente dos Estados Unidos, soubesse o que ele dissera.

Enquanto Peter prestava declarações a dois agentes da Polícia, Alix apanhava os cacos de vidro com uma toalha de mão e à luz de um candeeiro. Entre cada longo e desalentado movimento das mãos, ela dizia a si própria que era altura de acordar para a merda da vida. Para escrever o livro. Para viver em Filadélfia. Para conhecer melhor Emira Tucker.